

DANTAS, Jovelina Brazil. *Desnutrição e aprendizagem. Experimento de campo sobre os efeitos da estimulação escolar na realização cognitiva de crianças em vários estados nutricionais*. São Paulo, PUCSP, 1976. Dissertação de mestrado.

Os efeitos do enriquecimento da estimulação escolar sobre o rendimento de crianças com diferentes quadros nutricionais constitui o objeto de estudo do presente trabalho.

A autora parte do pressuposto que "não se pode interferir no processo que perpetua o baixo rendimento escolar das crianças culturalmente marginalizadas, se não se conhecem os fatores que realmente o influenciam" (p. 14).

Parte de uma posição teórica que identifica na deficiente estimulação ambiental os baixos rendimentos das crianças desprivilegiadas. Cita Poppovic, Birch, Roger, Patto, Deutsch entre outros. Analisa também os efeitos da subnutrição que, interagindo com os fatores ambientais, é responsável pela manutenção ou agravamento dos índices de atraso no desenvolvimento das habilidades específicas exigidas pelas tarefas escolares. Baseia-se, principalmente, em Craviotto, Espósito e Marcondes. Enumera também autores que fizeram pesquisas sobre os efeitos da desnutrição no desenvolvimento psico-motor, físico, adaptativo, da linguagem e relacionamento psico-social.

Quanto ao "Programa de Estimulação Cognitiva" aplicado ao grupo experimental, o mesmo foi construído a partir da análise dos ítems que compõem os indicadores do Teste de Operações Cognitivas de Poppovic e objetivou o desenvolvimento das funções de discriminação, atenção, percepção e raciocínio.

A partir da discussão dos aspectos abordados no referencial teórico e nos resultados obtidos por alguns programas de educação compensatória, a pesquisa se propôs a estudar os efeitos da estimulação cognitiva sobre a realização de crianças culturalmente marginalizadas, portadoras

de diferentes quadros nutricionais. Visou, também, identificar a influência de diferentes fatores estimuladores do ambiente familiar da criança sobre sua aprendizagem.

Considerando o exposto, a presente pesquisa foi desenvolvida tendo as seguintes hipóteses:

—Crianças em idade pré-escolar de nível sócio-econômico e cultural baixo, submetidas a um programa de estimulação específica na área das operações cognitivas, desenvolvem estas habilidades independentemente de seu estado nutricional.

—O programa de estimulação escolar mais eficiente para o desenvolvimento de habilidades cognitivas é o que oferece um treinamento específico para estas funções.

—Crianças provenientes de lares onde estão presentes fatores intelectuais estimulantes apresentam melhor aproveitamento escolar, quando comparadas àquelas de mesmo nível social, mas que não contam com aqueles fatores em seu ambiente.

A metodologia utilizada consistiu num experimento de campo com dois grupos equivalentes: um experimental e um de controle.

O grupo experimental foi submetido durante 2 meses a um programa de estimulação das habilidades cognitivas, enquanto o grupo de controle participou apenas de atividades recreativas durante o mesmo período.

O estudo foi realizado com crianças pré-escolares provenientes de famílias de baixo nível sócio-econômico e cultural, residentes na cidade de Campina Grande, Estado da Paraíba.

A amostra foi constituída por 90 crianças, cujas idades variavam de 5 anos e 8 meses a 6 anos e 4 meses, de ambos os sexos, e foram distri-

buídas em dois grupos de 45 sujeitos: um experimental e outro de controle.

Tanto o grupo experimental com o de controle foram constituídos por crianças consideradas nutridas, desnutridas pregressas e desnutridas pregressas e atuais, de acordo com a Escala de Medida proposta por Eduardo Marcondes (1971). Depois de testados, os sujeitos foram distribuídos por sorteio casual em quatro classes.

Após sorteio de dois bairros de população de baixa renda, foram realizadas visitas domiciliares para identificação de crianças que satisfizessem os critérios de idade e não tivessem ainda frequentado a escola.

As crianças foram submetidas a exame médico. A anamnese foi realizada através de entrevistas com as mães.

Foram eliminadas as crianças doentes e as portadoras de déficits neurológicos ou anomalias físicas. As demais foram classificadas de acordo com o estado nutricional.

Após sorteio da amostra foram aplicados individualmente os testes de Raven e de Operações Cognitivas.

Durante o período de dois meses, o grupo experimental (duas classes) foi submetido ao "Programa de Estimulação Cognitiva" que visava o desenvolvimento das funções de discriminação, atenção, percepção e raciocínio.

O grupo de controle (duas classes) foi submetido ao Programa de Recreação com o objetivo específico de desenvolver a sociabilidade e a cooperação através de jogos e brincadeiras.

Antes do início das aulas, as crianças recebiam um pequeno lanche como incentivo e também para garantir a ausência de fome no momento de aprender, planejado de forma a não interferir no estado nutricional das crianças. Durante o programa foram eliminados seis alunos por motivo de doença, dificuldade de adaptação à escola, falta de colaboração da mãe ou mudança de domicílio.

Após os dois meses do experimento, as crianças foram submetidas ao pós-teste.

Quanto ao tratamento estatístico, o experimento seguiu o modelo fatorial 2x3 (Tatsonk, 1971) sendo variáveis independentes:

- A – o estado nutricional das crianças, e
- B – os programas de estimulação escolar.

A variável dependente foi o ganho em habilidades cognitivas medido através da diferença de pontos obtidos entre o pré e o pós-teste.

Para efeito de controle, foram obtidas informações relativas ao nível sócio-econômico e cultural da amostra bem como ao nível de inteligência.

O teste de correlação de Pearson foi utilizado no estudo comparativo dos grupos experimental e de controle e para verificação do efeito das variáveis independentes foi realizada Análise de Variância (Teste F).

O estudo conduziu às seguintes conclusões:

Quanto aos fatores ambientais, a pesquisa conclui que a escolaridade dos pais, a renda per capita e demais fatores ambientais (com exceção da densidade habitacional) não foram decisivos para explicar as diferenças encontradas entre o desempenho dos sujeitos de um grupo proveniente de um meio ambiente uniformemente baixo.

Quanto aos demais aspectos pesquisados, as conclusões foram as seguintes:

—o estado nutricional, tal como foi operacionalmente avaliado, não afetou os resultados em testes cognitivos, de crianças desnutridas;

—o estado nutricional, tal como foi operacionalmente avaliado, não afetou o nível de inteligência das crianças desnutridas;

—um programa de estimulação intelectual específico revelou-se capaz de afetar significativamente o desenvolvimento cognitivo das crianças culturalmente marginalizadas;

—o grau de inteligência apresentado pelas crianças parece ser o fator mais significativo no desenvolvimento cognitivo de alunos de baixo nível social.*

Conclui pela “necessidade urgente de programas de intervenção junto às escolas frequentadas por grupos sócio-econômicos e culturais desfavorecidos e que os programas de recuperação alimentar, dissociados de programas de recuperação psico-pedagógica estão fadados a não alcançar os resultados desejados” (p. 68).

O tema abordado é, portanto, altamente relevante não só em razão da forma como os efeitos da subnutrição são utilizados na questão do fracasso escolar, como por se tratar de um experimento realizado com crianças brasileiras.

A autora montou o experimento de forma cuidadosa no que se refere à preocupação de trabalhar com três grupos de níveis nutricionais diferentes, ter montado dois programas de natureza bem distinta, ter se preocupado em levantar fatores ambientais estimulantes, etc., sempre apoiada nos pressupostos teóricos que nortearam seu estudo.

* A correlação entre os resultados do Teste de Raven e os resultados do pré-teste e do pós-teste do teste de Operações Cognitivas foi estatisticamente significativa.